

ANA

ESTÁGIO DE SER ÁRVORE



PRÓLOGO

Essa história ficou marcada pelo dia em que ele entrou naquela sala enquanto ela saía.

Apesar de parecer uma cena de despedida, aquele dia foi, na verdade, um encontro. Para os crentes em horóscopo, como eles, diríamos que foi um encontro cósmico, guiado pelos deuses e regido pela orquestra mais brega, cafona e romântica. Dois signos de fogo quando se encontram causam graves incêndios e queimaduras, e isso eles fizeram com excelência.

Essa história ficou marcada por todas as queimaduras causadas, pelas cicatrizes, pelas lágrimas derramadas e principalmente por todas as lembranças esquecidas que voltam todos os dias.

Portanto, pense bem antes de continuar a leitura, pois essa não se trata de uma história de amor.

“

UMA VIOLA
SEM CORDAS É
COMO UM
AZUL SEM CÉU.

ANA

Bom, para começar nosso romance, precisamos apresentar nossos lunáticos, não é mesmo?

Ana, com sua alpagarta florida no pé, andava sempre correndo. Correndo atrás de ônibus, dos estudos, de um emprego, de caras que não valiam a pena, e de cachorrinhos fofos que ela encontrava na rua. Era meio maluca, coitada. Mas admiro pessoas que não desistem de correr nessa vida, e Ana era dessas!

Leo, com seu colar de pedrinha, não era muito de se expressar, preferia observar as pessoas, as coisas e cores com o seu olhar que vivia sorrindo. Era um cara de cara fechada, que lia poemas e fazia arte com seu charme e gosto pelo diferente. E aliás, "diferente" é uma característica marcante para Leo!

"Eu era diferente dos outros caras de 20 e tantos anos...", cantou Leo tentando avisar a Ana o

risco de taquicardia que ela estava prestes a passar. Ana porém, quis correr!

Léo contou para Ana histórias do menino do mato, que em seu estágio de ser árvore aprendeu mais do azul que o próprio céu. Ela adorava, ouvia tudo com atenção e sorria por pouca coisa com sua meninice estampada. Era clara a amizade que havia ali entre os dois, mas ele não tinha previsto que Ana também tinha suas histórias, e estas porém, eram cantadas.

Quem pode se render às histórias cantadas por uma menina que anda com flores no pé? Ana bem que tentou avisar Leo o risco de bradicardia que ele estava prestes a passar. Mas já era tarde, isso já era "very special" ou "fucking special", tanto faz.

Talvez eu tenha me esquecido de dizer o pequeno detalhe de que Ana e Leo não podiam ficar juntos, por N motivos. E talvez você não entenda o pequeno detalhe e nem o N. Talvez nem Nando Reis entenderia. Mas é que os dois ignoraram completamente t-o-d-o-s os detalhes, exceto aqueles que eles fotografavam com o piscar dos olhos: a música de seus sorrisos, o cheiro de um abraço e o gosto de um encontro bom.

Sem grandes pretensões, os dois se deliciaram do tempo e das empadas de frango com bacon que Ana comprava. E de vez em quando fugiam pra casa da Bia, amiga de Ana, para regar de carinho as plantinhas que há dias só viam luz. Esse era um lugar especial para os dois, pois perto do bonsai de jabuticaba eles se sentiam tão bem como se estivesse sendo massageados nas costas por pés de anjos. Era assim, sempre sem nexo e ao mesmo tempo repleto de sentido quando

se encontravam.

Aos poucos, aquela amizade única e aquele sentimento contido parecia mais a estante de Ana. Ela amava livros e queria enfileirar centenas em seu quarto. Ana vive correndo, lembra? E ela corre até contra o tempo! Quer tudo na sua hora, do seu jeito, planejado e bem figurado. É difícil dizer que isso é um defeito e que esse defeito é que fez tudo desmoronar. Fato é que Leo via essa correria como um exagero, mas quem é que manda em corações alheios Leo? Você já devia saber dos efeitos colaterais daquele piripaque que você causou nela...

Bom, nesse momento você já deve estar pensando “poxa, mas essa história mal começou e já está terminando?”, lembre-se: essa não se trata de uma história de amor.

Dentre as coisas que mudaram, uma delas foi o jeito que Leo sorria com os olhos. Aquele sorriso tinha menos dentes que antes, e aqueles olhos... ah aqueles olhos tinham mais medo do que castanho, e os pequenos detalhes de antes passaram a ser grandes e pontualmente definidos. Assim, definido também ficou o que eles eram um para o outro: uma completa indefinição da bagunça de sentimentos e linhas daquela camisa xadrez de Leo – que Ana adorava.

Por muito tempo Ana perguntou aos céus, ao horóscopo, aos deuses e até aos músicos daquela orquestra, porquê estava tudo desafinado. E em todas as vezes Ana ouvia do seu lado esquerdo do peito, os acordes de uma

viola dizer:

- Ana, corre!
- Pra onde? - Questionava Ana.
- Ana, anda, corre logo!

E aí Ana se lembrou que das 10 cordas daquela viola, 4 já estavam arrebitadas, e aquele som já não era mais síncrono, assim como seu romance com o Leo. Ela nunca saberia para onde correr, mas como uma boa corredora, ela foi pra frente, claro!

Assim, em cada nova lágrima escorrida pelo olho direito de Leo (ele só chorava de um olho), menos um jeito de sorrir com o olho ele tinha. E mais uma corda aquela viola perdia. E mais desafinada ficava aquela orquestra.

Agora que já nos conhecemos melhor, talvez seja a hora de você saber que eu, o eu tão lírico desse caso de amor, usava uma alpargata florida quando saía daquela sala. Mais ainda que agora estou correndo para despejar minhas lembranças esquecidas que voltam todos os dias nesse papel.

Não fique, porém, decepcionado, apesar de Leo não acreditar eu sempre sou imparcial para com as coisas dos outros, quem dirá com o coração dele!

Eu sou Ana, e confesso que tem sido difícil correr pelas ruas e perder o ônibus, a hora de acordar, perder o apetite pelas empadas e o click de fotografar com o piscar dos olhos. Cheguei a conclusão, que com o Leo talvez eu não seja uma boa corredora ou talvez, ainda, a minha alpargata florida não fosse boa o suficiente para me impulsionar até a linha de chegada. Não sei. Perdi a minha alpargata e o Leo.

Uma viola sem cordas é como um azul sem céu. O único som que ela podia fazer agora era o eco do silêncio que ali ficou entre os dois.

Leo achava que aquilo era o fim do mundo, e Ana mesmo chorando suas últimas lágrimas, engolia-as na frente dele para que não houvesse dúvidas de que isso passaria, como sempre passou para ela. Esse é o mal das ariAnas. Mas era apenas um jogo de Ana para que ele ficasse bem. E ficou.

Faz tempos que eles não se vêem, e da última vez que se trombaram na esquina de um fim de janeiro, Ana pôde então dizer a si mesmo, com certeza e coragem, que Leo foi seu segundo, porém, grande amor.

Esse encontro que hoje virou um grande desencontro, ensinou Ana sobre as dores do mundo e principalmente, as dores do outro. Amar as vezes é engolir a dor alheia com farinha de milho. Desce seco, rasgando a garganta,

e demora para o ardor passar. Passa, mas o medo de ver cardápios com farinha deixa a gente com os olhos com mais medo do que castanho.

Não sei se bem ou mal, mas Ana não pôde dizer ao Leo que aquele desencontro fora o que mais a fez crescer na vida. Ana no estágio de ser árvore, aprendeu sobre os dias não azuis, sobre os ventos que nos tiram as folhagens e sobre as tempestades que quebram alguns de nossos galhos. Aprendeu também que quando uma Ana se encontra com um Leão... ahhh, esses causam graves incêndios e queimaduras, que para sempre estamparão seus troncos.

Essa não é uma história de amor. Poderia eu, o eu mais lírico dessa história, chamar de desamor? Talvez.

Amar muitas vezes é ser como o estágio de Ana em ser árvore, e no caso de um desencontro, é se manter forte sem raízes, folhagens, com marcas no tronco e com alguns galhos quebrados, num jardim que aparentemente precisa estar lindo.

Algumas de minhas raízes brotaram, outras ainda não. Assim com minhas folhagens estão pouco a pouco crescendo em meus galhos renovados. Mas as marcas estampadas em meu tronco... essas precisam me acompanhar para todo o resto da minha vida, para que eu me lembre do dia em que eu descobri o que é sentir dor e também do dia em que eu descobri o que é um grande amor (ou desamor?), pois das lembranças que eu trago na vida Leo, essas marcas são a saudade que eu gosto de ter.

Essa história ficou marcada pelo dia em que ele bateu no portão de Ana para enfim dizer adeus.

FIM